

Entrevista de Gustavo Taretto: Cinema, Cidade e Sensações

Concedida a
Bárbara Pereira da
Cunha¹



Gustavo Taretto é um cineasta e publicitário argentino.

A entrevista a seguir foi realizada presencialmente em ocasião na qual estive em Buenos Aires. Nos reunimos em um café no bairro de Palermo, na data de 06 de abril de 2018. A ocasião me proporcionou a oportunidade de compreender minimamente o universo de sua estrutura cinematográfica, bem como as possibilidades presentes em suas obras de se entender a cidade de Buenos Aires. Indo mais além, buscava absorver a relação entre os sujeitos em uma metrópole e destes com o próprio espaço a partir de questões elaboradas que pensariam o Cinema Argentino Contemporâneo e a particular cinematografia de Taretto.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História Política na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ), na linha de estudos Política e Cultura; Graduada em História, bacharelado e licenciatura, pela Universidade do Rio de Janeiro.
Contato: barbpcunha@gmail.com

Mosaico: Gostaria de saber um pouco da sua opinião sobre o *Nuevo Cine Argentino* e sobre a questão política, uma vez que muitos dizem que tal cinema se distanciou de temáticas políticas:

Particularmente, o *Nuevo Cine Argentino* é uma sigla de três letras que não me diz nada. Não me diz quando começou, terminou e se terminou. O que eu gosto do cinema contemporâneo, talvez, é o fato de ser muito eclético. Às vezes penso que é uma virtude, às vezes penso que não. Os filmes não se parecem muito uns com os outros. Podemos fazer grupos de filmes contemplativos, o cinema aqui é muito difícil de encontrar uma linha. Acredito que o individualismo tem muito a ver com nós mesmos. Há isso em *Medianeras* (2011), não é seu grande tema, mas fala da observação da arquitetura da cidade. Uma das propriedades é que encontro muitas características em um mesmo quarteirão e somos (os argentinos) um pouco assim. Particularmente, Buenos Aires é uma cidade construída por muitas imigrações diferentes. Então, as pessoas acabam não se parecendo e o argentino é individualista. E também rompemos regras, perguntam muito em vários países por que há pouca política no cinema argentino.

E você concorda que há pouca política no cinema argentino?

Sim, há pouco cinema político, ao menos tenho que fazer um esforço para recordar de algum filme político. Suponho que sejamos rebeldes. Esperam que falemos de tango, mas não o fazemos. Resistimos um pouco ao tango e à política. Eu posso dizer porque eu não faço cinema político. Posso te dar uma resposta mais precisa, porque não sei o que pensa cada um dos meus colegas. Também houve no período pós-democracia muitos filmes políticos, nós crescemos assistindo e por alguma razão não gostamos e quisermos nos diferenciar. Acredito que seja isso que costumam chamar de *Nuevo Cine Argentino*. Talvez também seja uma maneira de escapar do que esperam de nós (argentinos). Por exemplo, se pensa em um filme colombiano, vão falar de narcotráfico, ou México, certamente vão falar de tráfico de pessoas para os Estados Unidos, e realmente estes são os filmes e séries que são famosos. Se pensar em Brasil o tema seria favela, como *Cidade Deus*, *Tropa de Elite*. Mas, enfim, o produtor de conteúdo deve pensar o transcender de fronteiras.

Não há tanto cinema político como se houve em outras épocas... Eu não faço cinema político, não é por uma questão de validação, faço o que me motiva... Nem

mesmo sei se sou um cineasta. Sou uma pessoa que faz filmes e só faço quando os temas me interessam, a mim, interessa a vida ordinária das pessoas. Dá muito mais curiosidade saber porque uma pessoa precisa romper uma parede para construir uma janela do que sobre os conflitos políticos. Não me interessa os grandes temas, me interessa os temas mais humanos: a relação de uma filha com a mãe, um desencontro amoroso, uma pessoa que se sente sozinha mesmo quando há tantos ao seu redor. A política me interessa, mas não me interessa filmá-la. Agora estou escrevendo um filme e em um dado momento considerarei haver uma reunião de amigos, com o tema do *Kirschnerismo*, um governo que durou 12 anos, seria como ser a favor ou contra Lula. Houve famílias que se separaram, amigos que não se viam mais, pois estavam de lados opostos, mas depois resolvi deixar a ideia... Eu fiz um curta político que se chama *Una vez más*. Foi um convite feito a mim pela Secretaria de Cultura da Nação, não foi só a mim, pediram a muitos outros. O curta é uma reflexão política, mas também busquei algo humano para contar a história do país: um casal que briga sem parar e depois não se lembra por qual motivo estava brigando. Assim, trabalho um pouco a política. Porém, me interessa mais descobrir uma cidade, uma mulher...

Sim, a política não seria, portanto, uma área que te atraia para os filmes.

Eu me interesso por política. Se vou jantar com amigos, brigo com eles, sou irônico, o que seja. Leio sobre política, leio sobre história argentina também, mas não tenho a necessidade de colocar em meus filmes. Sei que o mais exportável seria fazer filmes sobre as pessoas em más condições, mas prefiro não me converter ao cinema de exportação. Posso fazer uma comédia romântica melancólica que poderia acontecer em qualquer parte do mundo e prefiro fazê-la porque me interessa.

Você fez cursos de fotografia, certo?

Sim, fiz.

Gostaria de saber sobre a importância da fotografia para seus filmes. *Medianeras*, por exemplo, aparecem muitas fotos e acredito que, se não todas, algumas sejam suas. Em entrevista ao *Canal de La Ciudad*, você disse que todo cenário de *Las Insoladas* (2014) foi montado também através de imagens específicas da cidade. Sendo assim, pergunto sobre algo que me parece ser sua

assinatura, dada a importância que a fotografia tem em seus trabalhos, nas mensagens que são passadas para os espectadores.

Bem, às vezes alguém passa a trabalhar com cinema depois de ser espectador e acaba se convertendo em diretor. No meu caso, primeiro que quis ser fotógrafo, desde muito pequeno. Meu pai me deu uma câmera linda e comecei a tirar fotos, a fazer atividades de foto clube, até tive meu próprio laboratório para revelar, copiar... Eu penso muito em termos fotográficos. Há algo mágico (na fotografia), sigo valorizando isso. Tenho dificuldades em tirar fotos assim (Taretto aponta para o celular), porque com o aparelho já se viu a foto. Quando você enquadra, posiciona o olho, a coisa de escurecer, de focalizar apenas o que te interessa, decidir enquadrar, a decisão sobre o que quer ver da realidade... Disso gosto muito (apontando para a câmera), é silenciosa para ter foco. É como estar ausente da realidade, mas você a está manipulando, o que também gosto. E eu tirava muitas fotos. Quando se tira duas ou três fotos de algo, é porque quer filmar aquilo, quer o movimento, quer que isso diga algo e escute. Então, foi pelo caminho da fotografia que cheguei até a direção. Eu assino com fotos, sou bastante obcecado com a composição, eu enquadrado todos os planos. É uma linda maneira de descobrir tudo: descobrir um ator, descobrir uma locação, para mim é uma maneira de comunicação. Eu me comunico através da fotografia. A maneira pela qual assino é fotográfica.

Você considera que faz filmes independentes?

Sim. É uma pergunta difícil de responder. Considero que estou entre os independentes porque não faço filmes com expectativas de fazer espectadores, nem cumprir determinados objetivos comerciais. Faço filmes porque me entusiasma, acho que tenho uma necessidade física de fazê-lo e emocional de contar uma história.

Em *Medianeras*, me parece que Buenos Aires não é apenas cenário, mas também personagem. Concorda?

Sim, isso sim. É uma das poucas coisas das quais sou consciente, totalmente. Uma vez estive em Bogotá, em um evento que se chamava *Cine y Ciudad* e depois, em São Paulo, me chamaram para fazer uma retrospectiva de todos os meus curtas. Em geral, as pessoas se colocaram a pensar que a minha produção cinematográfica

tem a ver com Buenos Aires, com seu espaço e arquitetura. Minha primeira intenção com a câmera de fotos era tirar foto das pessoas. E eu gosto de fotografar pessoas que não conheço, descobrir algo, alguém... Sou uma pessoa que observa demasiadamente. Sou pouco participativo em geral, gosto mais de observar as coisas. As pessoas pelas ruas me interessam muito, mas não se pode sair fotografando. Porque se incomodam, ficam aborrecidas... É difícil fazê-lo. Também sou tímido, nunca consegui fazer com que pessoas posassem para mim. Então, comecei a tirar fotos de edifícios, e de tanto fazê-lo, comecei a perceber o quanto os edifícios pareciam com as pessoas e as pessoas com a cidade.

Depois de anos e mais anos, pois essa percepção foi feita de maneira inconsciente, eu me dei conta de que Buenos Aires para mim é uma cidade única, que me encanta, me dei conta quando conheci outras cidades... Parecia ser uma ótima ideia refletir sobre ela e adoro trabalhos de diretores que homenageiam cidades que tanto conhecem, como Woody Allen o fez com Manhattan, que sempre é uma personagem a mais em seus filmes. Eu também gosto muito de um diretor francês, se chama Jacques Tati, que tem mais a ver com a arquitetura, e recomendo filmes como *Playtime* e *Trafic* trabalham muito a noção de espaço. Eu acredito que o espaço é determinante. É muito diferente crescer em uma cidade como São Paulo e Rio. Conheço muito bem as duas cidades, a natureza que há na cidade do Rio de Janeiro tão mesclada com a cidade e, em contrapartida, a Avenida Paulista com centenas de milhões de pessoas trabalhando todo o tempo. Em uma primeira impressão, seria que em São Paulo todos estão estressados enquanto no Rio estão relaxando.

Você acredita que a vida contemporânea pode ser comparada a uma grande cidade, em uma dinâmica de perder-se e encontrar-se?

Sim, são ideias que sempre tive. Duas pessoas que vivem na mesma quadra em uma pequena cidade, não há maneira que não se conheçam. Em uma grande cidade, sempre me deu curiosidade, e até mesmo angústia, a ideia de esbarrar com alguém pelas ruas, no elevador, e pensar que posso nunca mais encontrar essa pessoa. São processos criativos. Nas cidades superpovoadas não acontece isso, como nas pequenas. Dei conta do que fez o filme se conectar com muitas pessoas – pois recebo vários e-mails, de mulheres e homens que dizem “estou buscando também”. Assim, percebi que não é algo que estava apenas em minha cabeça.

A ideia de busca, de encontrara algo ou alguém são frequentemente presentes em suas obras, bem como o tom de melancolia.

Sim. Não busco essa ideia em meus filmes de “metade da laranja”. Para mim, uma das maiores felicidades que podem ter é compartilhar, sentir que, em algo, estamos juntos. Pode ser um casal, amantes ou algo entre irmãos. Temos construído a ideia do casal, do matrimônio, da fidelidade e as nossas emoções, às vezes, vão desencontradas com isso. A imagem que tenho é a de engrenagens de relógios; penso que os personagens em algum momento podem coincidir e funcionarem ou não.

272

Os filmes *Las Insoladas* e *Medianeras* seriam possibilidades de mudança?

Bem, para mim, a esperança é importante, é fundamental. Não importa se chega à pessoa ou não. Há um samba brasileiro, que me encanta, fala sobre esperança... Que para haver beleza, tem que haver um pouco de tristeza, como o contraste das coisas. Não se pode perder nunca a esperança. E o filme *Medianeras* é uma obra sobre esperança.

Em *Las Insoladas* há um forte desejo das personagens de saírem da Argentina, ao menos por alguns dias, pois acreditavam que isso melhoraria suas vidas. O que pode me dizer acerca disso?

Isso é muito humano, muito argentino, pensar que a felicidade está em outra parte. Para mim, *Las Insoladas* é o filme mais político que já fiz. Bem, nos anos 90, no Brasil havia, se não me engano, Collor de Melo. Aqui, tínhamos Menem, neoliberal, privatizando tudo, em um momento de mudanças pós ditadura, o Estado ineficiente, uma coisa meio Estados Unidos: “privatizemos, privatizemos”... Além disso, passamos por um momento na Argentina que um dólar valia um peso, então, passamos a ter a moeda mais forte do mundo, e as pessoas enlouqueceram com isso. Sendo assim, muitos começaram a ir para outros países, muitas vezes por turismo. As pessoas iam para lugares que viraram moda, como Rio de Janeiro, Búzios, Florianópolis, República Dominicana, Cuba, Miami... E eu decidi contar a história de seis amigas que não podem ascender a essa situação, era como se fosse uma festa a qual elas não tivessem sido convidadas. Então, relacionei a essa época de muitas

aparências, o quanto a pessoa se bronzeava estava ligado ao status, é algo muito superficial. Então, isso me interessou e de alguma maneira, é como uma crítica a essa década. Isso de pensar que a felicidade está em outro lugar... Nós nos comparamos muito a outros lugares. Nós tivemos bastante influência de imigrantes, pode-se notar em Buenos Aires, por exemplo, pela arquitetura e há muitos que dizem que é a cidade mais “europeia” da América Latina... Assim, fantasias são construídas... Bem, eu escolhi Cuba para o filme pelo que o país representa. Gosto da ideia de que seja um lugar rodeado pela água. É um lugar único, enfim... Há muito dessas fantasias argentinas que me interessavam. Sinto certa ternura por isso, sobretudo pela inocência.

O final do filme, quando estão dançando no concurso, seria um marco da esperança que você fala?

Sim, elas desfrutam de estar juntas, é algo que as faz bem. Elas não dançam bem para o público, mas o fazem para elas mesmas. Considero *Las Insoladas* um filme mais “estranho”, então eu gostava da ideia de, ao final, vê-las felizes, se sentindo gratificadas. Na verdade, o final original seria com três cubanas em Havana, planejando ir a Buenos Aires. E, para mim, isso teria ressignificado todo o filme, porque no final das contas, eu queria dizer que a felicidade não está em outro lugar. Acredito que a pessoa viaja com os seus problemas, então também é sobre si próprio.

No curta *Hoy no estoy* temos novamente um casal na história...

Eu sou muito intuitivo como criador. O que sempre acontece é que, para mim, interessa o encontro e não o desenrolar. Se perceber, *Medianeras* termina com duas pessoas que se encontram e o que acontece depois não me interessa tanto como a felicidade de encontrar alguém. Quando me perguntam se Martin e Mariana seguiram felizes, respondo que não tenho ideia. Pode ser que tenham se separado ou que tenha ocorrido outra coisa... O que me interessa é o encontro.

Em *Hoy no estoy* temos mais uma vez a cidade presente e os personagens se moldam pela estrutura da cidade de Buenos Aires, assim que a cidade seria um espaço de anulação, mas ao mesmo tempo de encontros?

Sim. Eu gosto de jogar com os espaços, para mim eles são muito importantes nas obras. Creio que o jogo é o resultado do espaço e o espaço é o resultado dos que jogam.

Em *Medianeras* também há um pouco do sentimento de querer ser visto, certo? Como em *Hoy no estoy...*

Sim, mas querer ser visto por uma pessoa. Para mim, em *Medianeras*, o mais perfeito foi a música que achei de Daniel Johnston, chamada *True love will find you in the end*. Parece que a música foi feita para o filme ou o filme feito a partir da música, que pergunta: como vai encontrar alguém se você não parar de baixo da luz? As neuroses te impedem, geram problemas de comunicação. Então, vivemos cheio de temores, como se estivéssemos todos com a defesa imunológica baixa.

Por que seus filmes sempre são ambientados em Buenos Aires?

Eu aprendi a valorizar Buenos Aires. Conheço outras cidades, mas a amo com seus defeitos. Porém, sim, adoraria filmar em outras cidades. Rio de Janeiro é uma das minhas favoritas. Eu gostaria de fazer um filme inspirado em uma canção de Tom Jobim. É simples e complexo. É memorável. Gosto de São Paulo também, assim como Brasília. Entretanto, Rio é única. Não há nenhuma cidade que seja tão cidade e tão natureza ao mesmo tempo.

Filmografia:

TARETTO, Gustavo. *Medianeras* – Buenos Aires en la era del amor virtual. Argentina. Imovision. 2011. DVD (95 min).

TARETTO, Gustavo. *Las Insoladas*. Argentina. Imovision. 2015. DVD (102 min).